



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2009 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 24 - Educação e Arte

ARTES COTIDIANAS: OUTRAS ESTÉTICAS, OUTROS CONHECIMENTOS

Bianca de Menezes Castro da Silva - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O olhar sobre outros conhecimentos, outras estéticas é uma *ação-reflexão* política e social para a implantação da emancipação social. O combate da cegueira moderna é importante para desconstruir valorações excludentes e desiguais nas relações sociais, os corpos são discursivos, criativos, pulsantes e entre outros movimentos que tecem as redes de conhecimentos, ignorar estes outros corpos passantes nos\dos\com cotidianos é afirmar as linhas divisórias da legitimidade opressora. Nesse sentido, o presente artigo, visa articular as criações dos corpos - nas escolas, como expressões artísticas de vidas que em suas táticas, respiros, existências e resistências derramam sobre os caminhos pistas de *saberes-fazer*s necessários para uma sociedade mais justa e igualitária. Toda criação humana envolve a estética dos seus gostos, da sua beleza, da sua expressão, com o mergulho dos sentidos enxergar outras artes é um passo adiante na tessitura dos sujeitos. A pesquisa dentro da escola buscando estas pistas artísticas do passear cotidianamente, burlando e (re)criando o sistema, é impulsionada pela potência corporal. O conflito diário da escola com seus alunos é visto em seu potencial de negociações para a cidadania.

Palavras-chave: 1- Corpo; 2- Escola; 3- Saberes- Fazer

ARTES COTIDIANAS: OUTRAS ESTÉTICAS, OUTROS CONHECIMENTOS

INTRODUÇÃO

O posicionamento dos corpos desafia o maquinário social que outorga as práticas aceitáveis para a performance do sujeito. Entre as linhas sinuosas da conduta reguladora e da pulsão rebelde observo o transitar dos corpos, isto é, bombardeados por discursos de regimes de legitimidade e discursos de si próprios em criações extrapoláveis à compreensão da realidade naturalizada, temos uma vasta exploração do corpo em seus passos. O choque ao adentrar o nicho dos dispositivos de controle elabora novos caminhos estéticos de resistência para avivar sua experiência ou simplesmente caminhos de vagoio para o escape prazeroso, não há como mensurar a real intensidade corporal, apenas interpretações dos seus movimentos cotidianos que configuram derivas.

As agulhas sociais que sangram os corpos são cicatrizadas pelas doses de inventividade. No passeante cotidiano escolar os corpos reiteram suas lógicas, na estética de seus gostos, das belezas e dos belos criam artes. Essas redes de conhecimentos flexionam novas rotas cotidianamente, a cada sujeito, história, resistência, tática, o processo de emancipação social tece o poder dos corpos para a sociedade. Estamos buscando sempre meios de praticar nossas engenhosidades que operam em um gozo íntimo e que os mesmo tempo move as normas, a variedade dessas *saberes-fazer*s desorganiza qualquer estrutura exclusiva que não consegue o diálogo de imediato, pela própria questão do que apagar os traços íntimos dessas performances.

A escola pública efervesce por abrigar os sujeitos das metrópoles, em outras palavras, as metrópoles são o choque diário de confronto dos corpos que cruzam linhas territoriais, com fragmentação discursivas e mutações expressivas. A escola recebe esses alunos plurais que estremecem os muros escolares, derrubando e adentrando na escola seus balanços cotidianos, outras estéticas e outros conhecimentos convidam à todos para as relações horizontais. É importante evidenciar que em cada escola haverá um processo de estética e de conhecimento com suas peculiaridades, os corpos darão o movimento no *espaço-tempo*. O cotidiano é a possibilidade constante dos corpos marcarem sua presença, podendo a cada passo invocar um novo (re)inventar.

Nesse sentido, o presente artigo é um recorte epistemológico da minha tese de mestrado que mergulha nos estudos dos corpos e das suas criações estéticas nos cotidianos escolares. Na arte de fazer e ser experiência diante de

um amontoado de discursos (COURTINE,2013), prezo o ordinário da vida obstruída, na costura de nós para o mundo e na trama de criações em movimento na marcação do *espaçotempo*. Portanto, trago inspirações epistemológicas, mas que serão apenas um norte, a centralidade da pesquisa se dá no protagonismo dos alunos, integrando a pesquisa a epistemologia das presenças, a epistemologia da arte cotidiana e a epistemologia do sentimento que vou adquirindo a cada corpo que me tocar. Seria ingênuo da minha parte, como corpo também que habito, não me deixar envolver pela emoção neste pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

No terreno fértil dos corpos suas redes de realizações desdobram permanentes demandas por fruição estética, criação e atuação social. Para a continuidade dos processos excludentes e da permanência da unidade das experiências os acontecimentos dos corpos são ignorados e desqualificados. Por de trás do visível estão escorrendo pulsões corporais que o controle não consegue deter. O processo de criação humana está escorrendo entre metrôpoles do mesmo modo que a regulação se torna extremamente visível. Quanto mais linhas sociais são desenhadas para divisão social, mais redes de conflito surgem, evidenciando a complexidade dos corpos em pisar, cortar, atravessar e redesenhar essas linhas.

Santos (2007) disserta sobre linhas radicais que dividem a realidade social em dois mundos distintos, o deste lado da linha emerge dos dispositivos de controle que discursam sobre a legalidade da vida, predestinada, ideal e bela, invisibilizando o do outro lado da linha em sua vasta pluralidades de vidas, ordinárias, consumidoras e reconstrutoras de (re)existências. Os corpos marcam seus passos entre sua regulação e entre suas possibilidades de produzir o inesperado, que advém da sua expressividade enquanto corpo pulsante.

Quem são estes outros corpos? São os abandonados e suas obras de vidas esquecidas pelo afastamento social. Quanto mais o grau de adequação às normas estabelece suas linhas radicais mais as produções e as formas de fruição serão rebeldes às práticas e gostos que lhe são antagônicas. Com isso temos a arte ordinária, a manifestação do sujeito em suas lógicas cotidianas que transcende a conformidade expandindo as redes de conhecimentos, as alteridades e as belezas produzidas. Uma explosão de sensações são adquiridas nessas redes de se fazer e refazer, o corpo que leva doses de sonífero pela enquadramento social desperta-se em querer sentir mais e mais da sua criação e desventuras.

Os procedimentos populares – minúsculos e cotidianos, jogam com a máquina da disciplina, suas “maneiras” de fazer formam a contrapartida, denominado de *ratio popular*: uma arte de utilizar o indissociável (CERTEAU, 2012). Somos consumidores dos produtos da legalidade e negociamos para nós mesmo sua utilidade, agregando mais rebeldia as nossas criações e tirando proveito das colisões provocadas. No momento da criação corporal cotidiana pouco importa o seu fim, o que vale é o movimento de fazer que advém de forças estranhas, como assinala Certeau (2012). Os corpos protagonizam o acontecimento da vida e da morte, senso abrigo da resistência e de não aceitação aos dispositivos de repetição disciplinares, inauguramos um corpo que arde e incendeia seu cotidiano. Não há corpo produção de presença sem a fogueira, sem as marcas da violação que se repetem indefinidamente, mas que permite entrever um “corpo metáfora do pensamento”, que irá cingir as principais correntes estéticas contemporâneas (SANTO, 2014, p.17).

A escola pública fundamentada na ciência moderna é pisoteada por uma “invisibilidade presente”. Ao mesmo tempo que se tem o outro da linha ignorado pela razão única, este está ecoando como fantasmas. Todos sabem que a pluralidade assombra o fascismo e seus meios de reter “verdades”. “O outro lado da linha alberga apenas práticas incompreensíveis, mágicas ou idolátricas (SANTOS,2007, p. 75)”, porém tão poderosas e independentes. Nos/dos/com cotidianos para além da explicação humana da realidade e do que deveria ser, queremos a sensação do desconhecer uma lógica para compreender as lógicas. Esses alunos buscam a desconstrução do automático sobre suas escolhas e modos de ser apresentar os olhos dos que pouco vêem. Por isso mesmo o corpo que não responde ao padrão começa a ser visto, não adianta ter a separação feito pela maquinaria reguladora, explosão corporal está para ser evidenciada.

Courtine (2013) assinala sobre a história dos corpos que se dão pelos discursos e pelos olhares. Os dispositivos de normatização social entram na escola e impõe um olhar discriminador as atitudes que não são possíveis de identificação. Esse descontrolo de possuir o significado do corpo elabora vários sentimentos, entre eles podemos inaugurar o olhar curioso que apenas se deixa atravessar por esses outros *saberesfazer*s. A curiosidade humana despreendida das amarras de controle cede para novas reconfigurações na pesquisa de outras lógicas, na tessitura das presenças elabora-se outras experiências que não são pertencentes à descrição de sentido. Nisso, as artes cotidianas apresenta-se em presenças que não podem ser mensuradas e apreendida de posse. São essas alteridades de ser e criar que alimenta o eixo da história e suas transformações.

A cada segundo solta-se do corpo uma re(ação), seja tranquila ou atrevida. O poder de lançar-se ao mundo é constante, até mesmo na repetição fatigante do seu enunciado se faz necessário da sensibilidade para à irrupção repentina, construindo discursos inéditos (COURTINE, 2013). O passante corpo pinta o cotidiano com suas cores, como disserta Certeau (2012), o homem ordinário arranja para si nessas pinturas a ilusão de “esclarecer todos os enigmas do mundo” e de gozar da segurança em ter a “providência de cuida da sua vida”. Nessa ilusão o corpo é tático, resolve suas questões com outros meios que lhe servem como posicionamento. Talvez tudo seja uma ilusão até mesmo o que vemos, mas quem sabe o ato de iludir o eu corpo e ao próximo não seja as brechas da arte que não se vale de pose. Pais (2008) já dizia que os cotidianos são insinuações e a compreensão da impossibilidade da posse do real se faz em nossas vidas.

Quando reaprendemos do nada que se passa no cotidiano, através da rotura dos corpos, traçamos rumos inesperados em nossas experiências. Nessas surpresas, segundo Pais (2008), muitas vezes tratadas como insolentes, não belas, não artes, atrevidas ou subversivas – nem sempre bem compreendidas, evidenciamos os planos cotidianos do ser arte sobre nossos próprios planos. Essas forças contrárias – bem-vindas por sinal, trazem em seus corpos o atrevimento das suas experiências. Novos ângulos de observação são estabelecidos no processo de ruptura e busca de indícios de uma olhar curioso que deseja as fricções dos corpos passeantes, ver além do sentido e atravessar com as presenças, que são as guias de toda a interpretação desta pesquisa.

Os discursos estão para além da ortografia ao tratar dos controles sobre o corpo. No contra fluxo dos dispositivos de poder os movimentos e ritmo corporal do não dito expressam os corpos que transbordam em suas manobras e modos de ser. A arte de criar é discursar em suas infinitas possibilidades. Nas escolas busco essas obras de artes emblemáticas: o Funk, gírias territorializadas, o corpo que habita o uniforme da escola na sua desconstrução usual. Nesses novos olhares de *saberesfazeres* a estética cotidiana se apresenta, inovando e inventando o ritmo da vida. A estética como potência primária da condição humana não se esgota na sua capacidade criadora, o modelo estratégico de suas táticas incorporam o sentimento que a globalização os emitem e dão golpes de astúcias, tornando forte sua vida social. A arte marginalizada do corpo ordinário nas escolas, visto como um processo rico de justiça social, com propostas inusitadas dos corpos vamos explorando tramas horizontais, que não se medem por um valor social.

Nesse sentido, desconstruindo a ideia de inserção ao meio capitalista na simples relação opressor e oprimido, a complexidade recoloca no jogo os outros corpos. Jogando constantemente com os acontecimentos para os transformar em ocasiões, o fraco do outro lado da realidade invoca forças estranhas (CERETAU, 2012), forças que nunca conseguiram seguir uma receita, tudo que é novo assusta a normalidade, os sentidos se estremeçam e a surpresa se torna estranha. Porém, estranheza que impulsiona o movimento da história, quando recebemos tais estranhezas e plantamos sementes de justiça social somamos forças solidárias. A resistência dentro das escolas está nas artes ordinárias cotidianas que são tecidas com seus professores, alunos e comunidade, não se esgotando de brotar novas sementes. [...] Não existe justiça social global sem justiça cognitiva global. Isto significa que a tarefa crítica que se avizinha não pode ficar limitada à geração de alternativas. Ela requer, de facto, um pensamento alternativo de alternativas. É preciso um novo pensamento, um pensamento pós-abissal (SANTOS, 2007, p.83).

A tensão apontada das artes ordinárias e sua invisibilidade social dentro da escola encontra sua resistência epistemológica na tessitura dos outros conhecimentos, fortalecidos em sua infinita manifestação corporal na soma aos conteúdos escolares, ou seja, articulando em suas jogadas formas de estender suas lógicas no tabuleiro social os conteúdos escolares vão sendo construídos permanentemente, como numa democracia em negociação. Não basta tirar proveito da situação, de ter uma tática de escape (CERTEAU, 2012), indo além é preciso ter visibilidade de suas outras formas de (re)existências para transcender as armaduras sociais. A escola cotidianamente recolhendo tais estranhezas reabre o cenário da diversidade humana e da resistência política.

O espaço escolar pública abriga alunos que nascem da exclusão de seus meios de ser e fazer suas histórias. O choque entre escola moderna e a arte da vida do aluno consagra a ruptura cotidiana (PAIS, 2008). Está mobilidade de estar nesses espaços formais configura uma linha abissal sinuosa, com a intromissão do rebelde, que interrompe um ciclo (SANTOS, 2007). O sopro desse corpo rebelde dá passagens, desestabiliza, derruba, libera, ele traz sua respiração e leva o mundo a contradição. Há uma viagem da carne para fora do corpo humano pelas táticas.

O cosmopolitismo subalterno lutam contra a exclusão, movimentos que efervescem em todas as partes (SANTOS, 2007). Conto com o movimento dos corpos, reagindo e expandindo a inesgotável diversidade do mundo. Isto é, com ecologia de saberes que tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo (SANTOS, 2007). Temos a concepção de redes de conhecimentos, se hierarquizam mas não são fixos, ou seja, são conhecimentos mutáveis, tudo vale em determinados contextos. A escola pública é um *espaçotempo* do cosmopolitismo subalterno que disputam o território do conhecimento, a escola mutável encontra esses corpos que a configura.

Conclui-se as artes ordinárias como novas formas de conhecimentos para habitar o *espaçotempo* escolar e suas rupturas como processo de emancipação. Nesse processo temos a ecologia dos saberes, um cruzamento de conhecimentos que, portanto, também comporta ignorância, logo a aprendizagem de certos conhecimentos pode envolver o esquecimento de sua ignorância, precisamos conduzir nas escolas uma ecologia de saberes a comparação do conhecimento que está a ser aprendido e o conhecimento que nesse processo é esquecido e desaprendido (SANTOS, 2007). Nesse impasse é preciso recolocar o sentido da ignorância por nós, um olhar centrado na padronização marginaliza o conhecimento do outro, logo a ignorância a ser desaprendida está muito mais ligada a normas e virtudes hegemônicas do que o descontrolo do corpo em criações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais as artes cotidianas potencializam um *espaçotempo* interdisciplinar, rico em alteridades que desobedecem a realidade imposta. As complexidades dos corpos trazem a vida social um novo arranjo de ideias e atitudes a cada movimento. A escola tecendo esses outros conhecimentos elabora um processo interdisciplinar com seus alunos, ligando os conteúdos escolares com a experiência e expressão da vida cotidiana. Todo processo de conhecimento envolve até mesmo sua reconstrução, a escola tem seu papel fundamental no processo de tessitura dessas redes de vidas.

Outro ponto importante é a valorização dos professores que em meio as novas pulsões corporais reelaboram suas aulas. Em atividades criativas, humanas, desafiadoras, os professores afirmam sua autoridade docente, eles sabem o

que fazem e fazem bem quando essas redes de conhecimentos são tecidas nas práticas pedagógicas. As artes ordinárias cotidianas é o ponto que descruza as normas hegemônicas e cruza as pistas de cidadania, política e *ação/reflexão*.

Portanto o corpo como eixo da jogada emancipatória merece destaque em suas criações artísticas, convenhamos que descobrir as astúcias humanas envolve um mistério, neste cenário de reformas conservadoras e violentas vale (re)descobrir a esperança na humanidade em suas resistências emancipatórias. Novas brechas estão sendo abertas a todo momento por nós corpos que queremos mais do que nos é entregue, queremos a dignidade da vida, o gozo por caminhar em plenitude de realizações e criações que são suas próprias derivas. Os corpos são aquilo que não se pode falar , é isso que os fazem expressar.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer. Petrópolis, Rj: :Vozes, 18.ed, 2012.

COURTINE, Jean-Jacques. Decifrar o corpo: pensar com Foucault. Petrópolis, Rj: Vozes, 2013.

PAIS, José Machado. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTO, Denise Espírito. Corpos Maquínicos. In: SANTO, Denise Espírito; MOTTA, Gilson. Zonas de contato: usos e abusos de uma poética do corpo. Rio de Janeiro: Outras letra, 2014, p. 9-21.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos. Cebrap. Novembro 2007, p.71 a 94.